



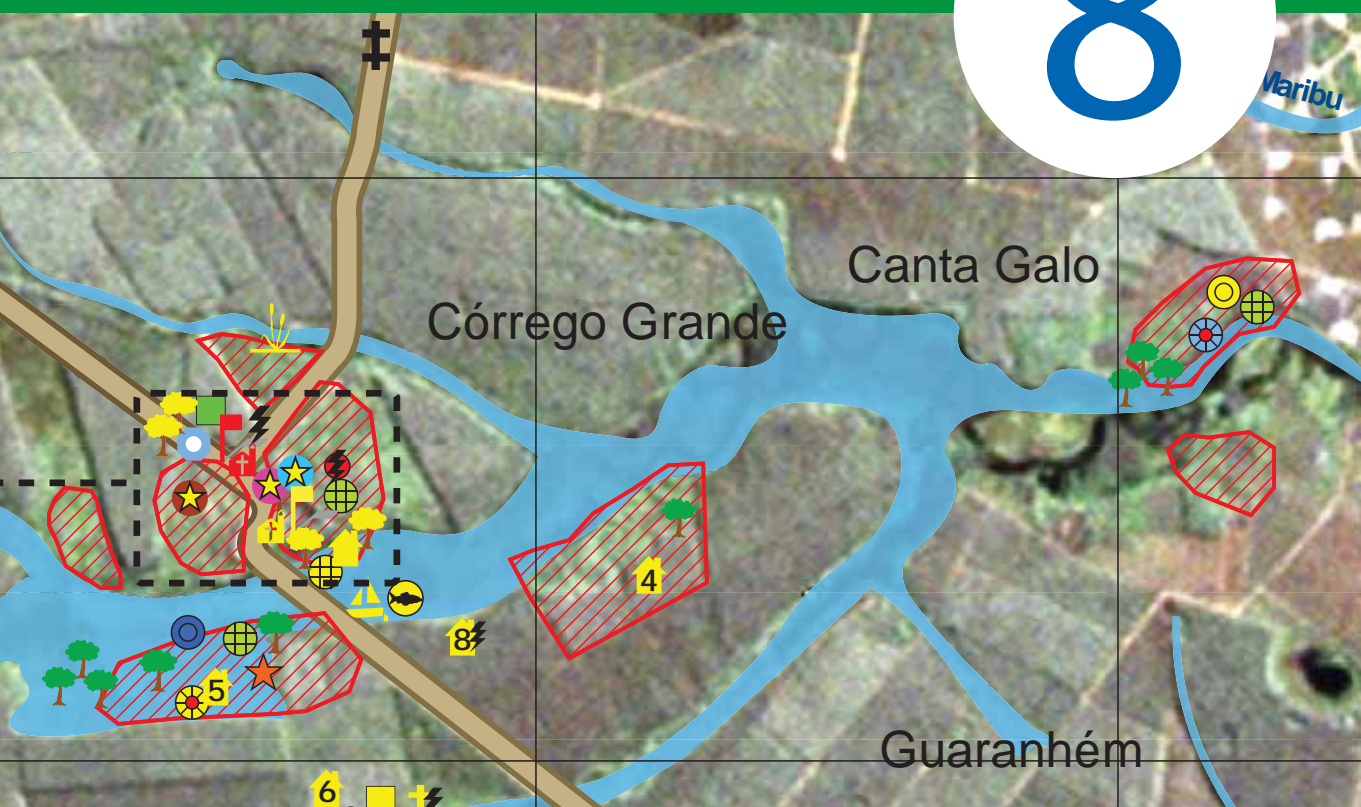
Associação de Pequenos Produtores Pró-Desenvolvimento de Linharinho

Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Quilombolas de Linharinho

Espírito Santo

8





**Associação de Pequenos Produtores
Pró-Desenvolvimento de Linharinho**

Presidente: Vermindo dos Santos

Vice-presidente: Gelson Cassiano

**Projeto Nova Cartografia Social
dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**

FASCÍCULO 8

Quilombolas de Linharinho, Espírito Santo

Brasília DF, janeiro 2007

ISBN 85-86037-20-6

Da esquerda para direita agachados:

1. Elda Maria dos Santos, 2. Osvaldo de Oliveira, 3. Nilceia Mota Alves, 4. Arnaldo Rodolfo Domingos, 5. Maria Aparecida Marciano, 6. Layza Marciano dos Santos (criança), 7. Vermindo dos Santos, 8. Creuza Mota Alves, 9. Domingas da Conceição Cassiano, 10. Saturnino dos Santos; da direita para esquerda em pé: 11. Nazareth Nascimento, 12. Gelson Cassiano, 13. Roberto Cosme dos Santos, 14. Marcos Sousa da Hora, 15. Manoel de Jesus Gomes, 16. Gessi Cassiano, 17. Clarina Pereira, 18. Mauro César dos Santos, 19. Valdentora dos Santos, 20. Domingas dos Santos Dealdina, 21. Jefferson Gonçalves Correia, 22. Rosa dos Santos Dealdina, 23. Simone Raquel Batista Ferreira, 24. Jonas dos Santos Balbino, 25. Rodolfo dos Santos, 26. Tereza Moreira

Coordenação do PNCS-PCTB

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPQ)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

(UNAMAZ-NAEA-UFPA)

Joaquim Shiraiishi Neto

(PPGDA-UEA)

Equipe de Pesquisa

Osvaldo Martins de Oliveira

Simone Raquel Batista Ferreira

Sandro José da Silva

Jefferson Gonçalves Correia

Domingas Dealdina

Adriano Elisei

Cartografia e mapa

Adriano Elisei

Colaboração na edição

Emmanuel de Almeida Farias Júnior

Fotografia

Sandro José da Silva e Sandro Juliati à exceção da foto do conjunto de participantes da oficina, de autoria de Alfredo Wagner

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

Pocesso de territorialização: autonomia e tradições

Nos períodos do Brasil colônia e império, os traficantes de africanos escravizados construíram um porto em São Mateus (ES), onde renegociavam a vida dessas pessoas. Ao chegarem à região, esses africanos e seus descendentes resistiram ao processo de escravização, por meio de fugas e de negociações de suas liberdades. Estas formas de resistência permitiram a organização social, política e econômica de diversos agrupamentos, a partir de uma lógica da autonomia, dando início, assim, às comunidades de quilombos num grande território que ficou conhecido como Sapê do Norte.

“Então, todos eles (os senhores) eram barões e os negros tinham que se aquilombá pra não trabalhar como escravo. (...) Ficou com a terra pra trabalhar pra sobrevivência, porque aqui ficaram e até hoje continua com nosso povo.” **Miúda**

As lideranças de Linharinho afirmam que seus ancestrais pertenciam aos povos africanos de tradição nagô, dos quais herdaram elementos culturais relacionados à língua iorubá e à religião do candomblé.

“A religião daqui era o que? Era candomblé, era ladainha, era ofício de Nossa Senhora. (...). Tudo coisa de povo africano. (...) Aqui no Sapê do Norte, os negros tinham dois tipos de trabalho religioso: o candomblé e o camocite. (...). Depois, de tanto ser perseguidos por autoridades, polícia e padres, esses negros que vieram da África, esses nagores (nagôs) africanos, tiveram que colocar outros nomes de religião: Mesa de Santa Bárbara, Mesa de Santa Maria e Mesa de São Cosme e Damião. Nesse Sapê do Norte, o povo tinha essas três mesas como tradição. Foi de, me parece, de 1886 pra lá, eles só viviam nessa religião. Foi nas proximidades de 1980 que os padres começaram a perturbar, o Bispo de Vitória mandava os padres vir a esse povo, quinze dias nesse Sapê do Norte, pra ver como estava a religião desse povo. E aqui eu acho que ficou a família da Aurora Deolinda da Conceição, minha tia, minha mãe tam-

bém, que eram entendidas dessas coisas. O Joaquim Felipe da Vitória (bisavô de Miúda) também era da mesa de Santa Bárbara que tinha aqui. (...) Hoje, o povo que sabia mesmo da religião foi tudo embora. A gente ainda sabe um pouquinho da coisa do ritual da Mesa, mas tudo bem. A gente quer de volta tudo isso.” **Miúda**

No início da década de sessenta, José de Gugu investiu violentamente sobre as terras de Joventino que, certo dia, saiu para trabalhar e deixou sua esposa em casa no sétimo dia do “resguardo”, sendo ela surpreendida por José de Gugu e seus capangas que a colocaram para fora com a criança e incendiaram a casa

bém, que eram entendidas dessas coisas. O Joaquim Felipe da Vitória (bisavô de Miúda) também era da mesa de Santa Bárbara que tinha aqui. (...) Hoje, o povo que sabia mesmo da religião foi tudo embora. A gente ainda sabe um pouquinho da coisa do ritual da Mesa, mas tudo bem. A gente quer de volta tudo isso.” **Miúda**

“E nós temos aqui na comunidade, que é a comunidade Santa Bárbara, porque a religião que mexia aqui (...) era o candomblé. Aí, através de padres, com esses donos de poderes, prendeu muitos negros pela sua religião





que não aceitava que negros tivessem religião, como Mesa de Santa Bárbara, Mesa de Santa Maria. (...) ...aqui trabalhava muito também com o jongo!" **Miúda**

"Sei dizer que tudo que comia, mesmo o dendê, era fruto da terra. Aqui, a comida era feijão de corda, era guandú, era mangalô, era torresmo. Era fruta, era jaca, que eles mesmos plantavam. (...) A gente tinha uma vida tranqüila e boa. Se matava um porco, quase todo sábado era matação de porco. Aquelas casas de lá,

se matavam, tinha que mandar pra cá e os de cá, se matavam, mandavam pra lá. Então era assim e é assim ainda. Se um tem uma farinha e o outro não tem: 'vai lá no fulano!'" **Miúda**

"A farinha da mandioca era outra coisa forte aqui. É que o povo aqui tem tradições, porque isso veio do quilombo do Negro Rugério, que na época, fazia muita farinha e o povo continuou naquela cultura de fazer farinha. A tradição nossa aqui é a farinha da mandioca. A gente quer retomar isso, mas pra voltar a gente tem que ter a terra pra plantar pra que volte às tradições." **Vermindo**

A Mesa de Santa Maria realizava seus rituais nas matas e próximo aos cursos d'água, enquanto a Mesa de Santa Bárbara realizava seus rituais ao som dos tambores e em locais acessíveis aos moradores. A Mesa de Cosme e Damião tem seu ponto alto em setembro, quando o centro que dedica suas atividades a esses gêmeos realiza sua festa e distribui balas e doces às crianças. Além dessas formas de organização da cultura, no local há também o Reis de Boi.

Associado às atividades religiosas tem-se o uso de raízes, plantas e ervas medicinais. Os ancestrais extraíam o azeite da palmeira do dendê, além do azeite de baga, nos quais acreditavam encontrar propriedades medicinais para a cura de diversas doenças. O azeite de dendê era usado também na culinária e para banhar as pedras do assento de Santa Bárbara. O azeite de baga, além de ser tomado a cada seis meses como remédio, era usado como combustível nas lamparinas e candeias para iluminar a escuridão da noite.

Conflitos, expropriações de terras e violência

"As nossas terras pegava aqui do rio São Domingos até o Córrego Grande. Um negro tinha seu pedaço de terra e ali perto botava outro irmão, perto todos os irmãos, todos primos, todos irmãos. Era assim: irmãos, irmãos, primos, primos e ia embora. Fazia extensão grande de gente na terra, na década de 20 (1920). (...) A gente se estendia por nove territórios, onde todo mundo era parente e todo mundo ali era conhecido. Chegou dentro da casa de



um, era de todos. (...) E quando eles (empresas e poderes públicos) falam assim: 'Ah! Não existe comunidade quilombola'. Por que não existe? Desde que nós estamos aqui, desde antes de 1888, nosso povo veio trazido da África. Com todo esse trabalho, toda essa cultura aí. (...) Estamos aí, a Aracruz falando que não tem quilombo, mas foram nossos antepassados que tiveram que trabalhar como mão-de-obra escrava, levando chicotadas desses poderosos, levando couro até hoje, desde os tempos que o negro chegou." **Miúda**



Até início da década de 1960, segundo os moradores, todo o Sapê do Norte "pertencia à negrada", mas ninguém tinha documento das terras. Entre as décadas de 1950 e 1960 ocorreram vários conflitos com fazendeiros, como José Upa, José Miranda, Quidinho, Velho Paulo e Ernani Benso, que realizaram diversas investidas expropriadoras sobre o território do grupo. No início da década de sessenta, José Upa avançou violentamente sobre as terras de Joventino que, certo dia, saiu para trabalhar e deixou sua esposa em casa no sétimo dia do "resguardo", ela foi surpreendida por José Upa e seus capangas que a colocaram para fora com a criança e incendiaram a casa. Joventino e a família foram acolhidos na casa de Benedito Cosme. A partir daí, o fazendeiro fez uma cerca sobre as terras de Joventino, que se situavam entre o rio São Domingos e o córrego do Caboclo, dizendo que a partir de então as terras lhe pertenciam. Nelson Cordeiro, que era um apoiador dos negros que havia se mudado para o Rio de Janeiro, ao tomar conhecimento do fato, retornou à Conceição da Barra e organizou uma revolta dos negros que arrancaram as cercas construídas pelo fazendeiro e as queimaram. Após o retorno de

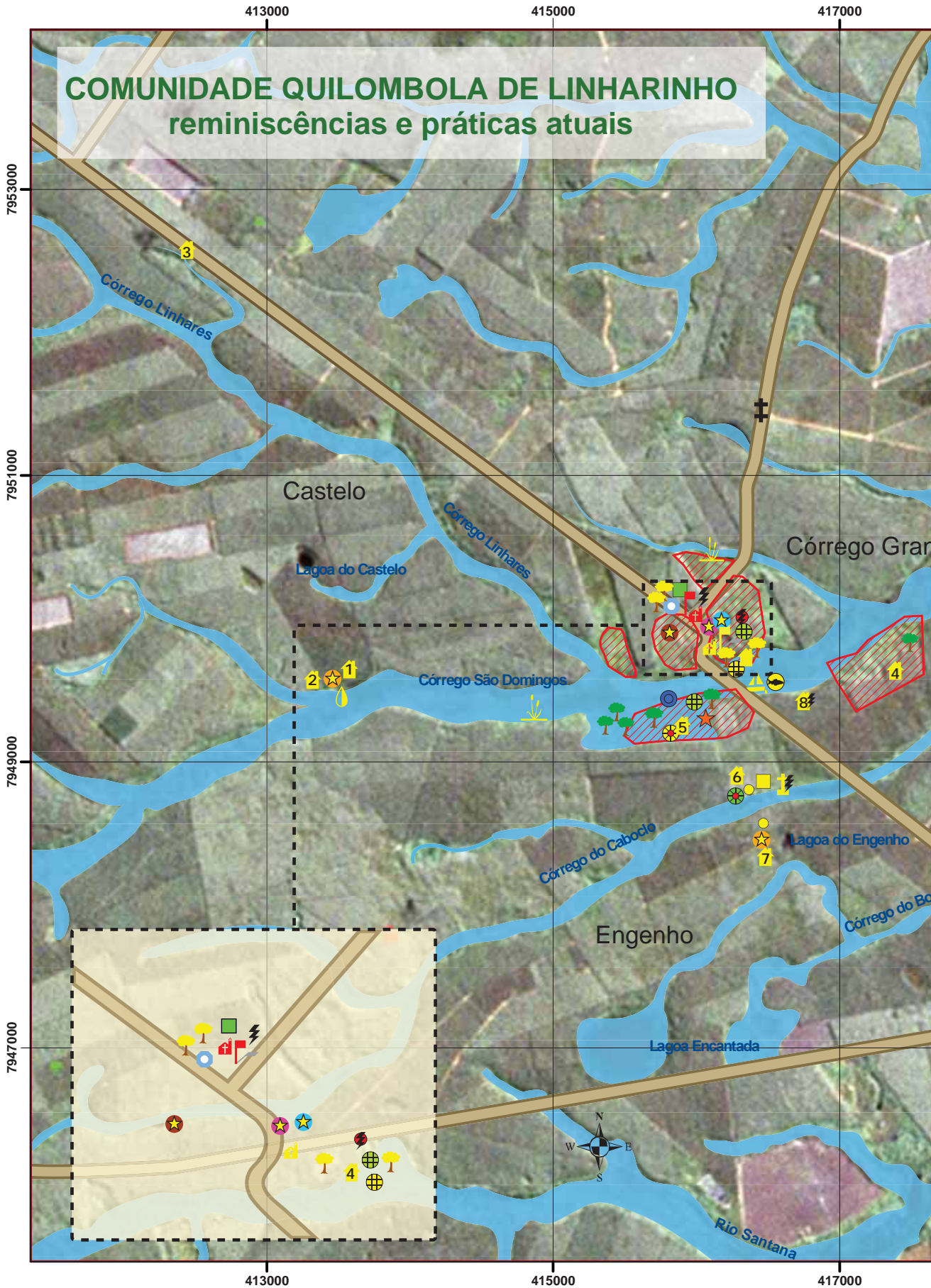
Nelson Cordeiro ao Rio, a polícia de Conceição da Barra, sob as ordens de José Upa, prendeu os negros que haviam participado da revolta. As mulheres teriam implorado a proteção dos orixás da tradição nagô e de Santa Bárbara, pois, com os maridos na prisão, faltava alimento em casa e veio a fome nas crianças, tendo elas que pescar para saciá-las. Quando pensa que não, numa espécie de intervenção dessas divindades, Nelson Cordeiro voltou do Rio e soltou todos os negros que se encontravam na prisão.

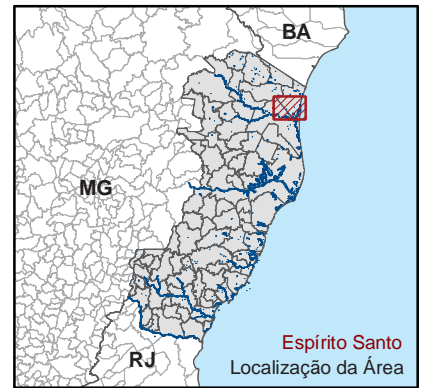
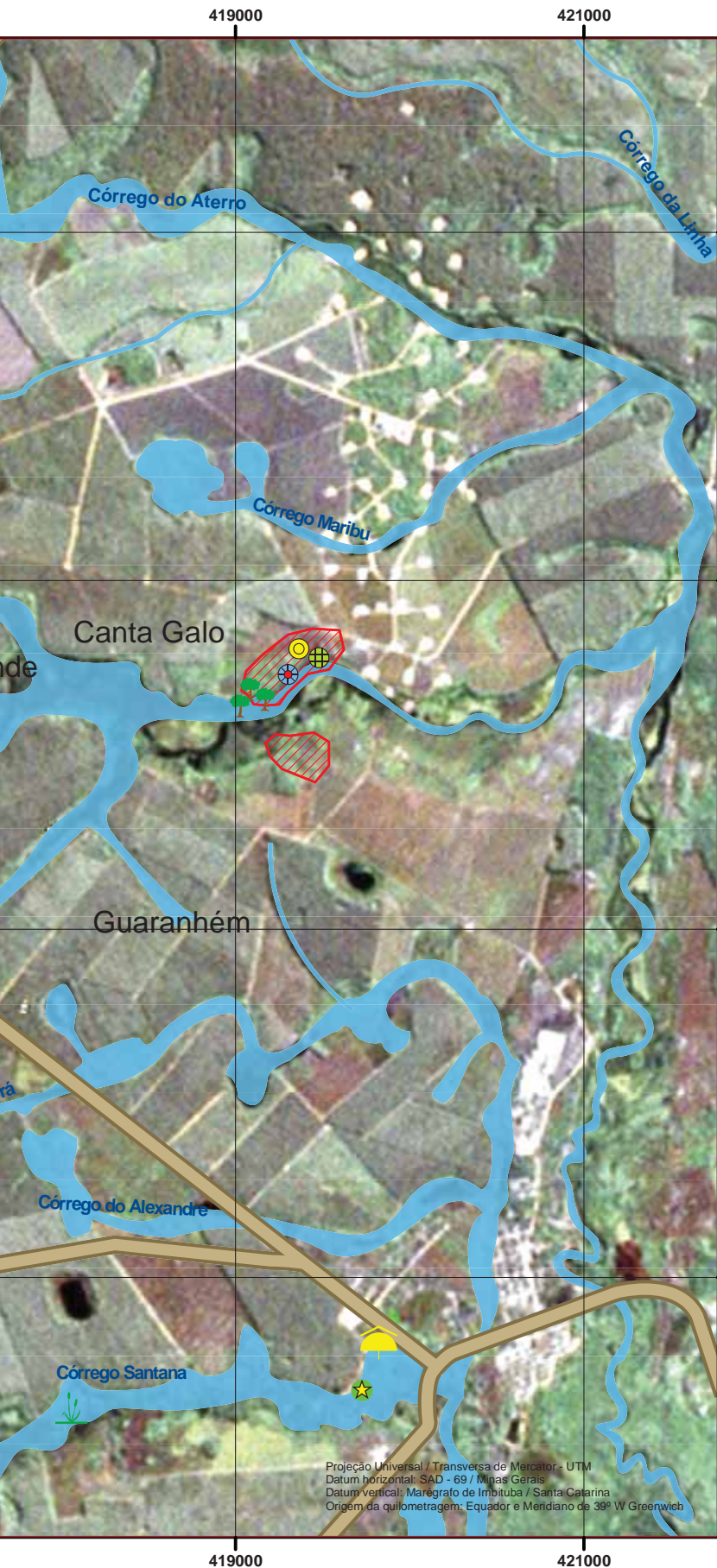
Essa e outras investidas expropriadoras de fazendeiros e empresas contaram com a conivência da polícia, cartórios e instituições jurídicas (fóruns e juízes) de São Mateus e Conceição da Barra para legalizarem os documentos das terras expropriadas. A partir do final da década de 60 essas terras, entre várias outras, foram repassadas às empresas de cultivo da monocultura do eucalipto, entre elas a Aracruz Celulose.

"A Aracruz chegou aqui como Reflorestadora Cricaré e como Brasil Leste Água Florestal. (...) E daí foi imprensando nós. (...) Então eles falavam: 'você não vão ficar mais ninguém aqui'. Meu pai estava puxando roda, um dia, eles chegaram falando assim: 'oh! O senhor vai sair daqui. Não! O senhor vai sair daqui e vai embora!' Então meu pai dizia: 'mas pra onde é que eu vou com esses filhos todos aqui?' 'Não! O senhor tem que sair! Tem que ir! Tem que ir'. Ele respondeu: 'Não, vou não!' 'Então o senhor vai ficar aqui? Mas lá os seus filhos vai ter. Aqui não tem colégio bom pra seus filhos, não, lá vai ter'." **Miúda**

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO

reminiscências e práticas atuais





Reminiscências	Práticas atuais
Cacimba	Cacimba
Cozinha de Farinha	Cozinha de Farinha
Plantio de Café	Plantio de Café
Campo de Futebol	Campo de Futebol
Grupo Escolar	Grupo Escolar
Extração de Taboa	Extração de Taboa
Cruzeiroiro	Igreja
Árvores	Árvores / Matas
Reis de Bois de Manoel Cassiano Filho	Reis de Bois de Mateus de Ernesto
Jongo	
Mesa de Santa Bárbara	Assento de Santa Bárbara
Mesa de Santa Maria	
Mesa de Cosme e Damião	
Ofício de Nossa Senhora	
Ladainha	
Fonte de Água Mineral	Caixa D'água
Valão	
Porto do Quidinho	
Cemitério de Escravos	
Quilombo do Negro Rogério	
Moradias	
1 - Domingas Maria da Conceição	Torre da Aracruz
2 - Manoel Cassiano	Núcleos de Moradia
3 - João da Hora	Áreas de Conflito
4 - Família de João Cosme	
5 - Manoel Cassiano Filho	
6 - Manoel Galdino	
7 - Aurora Diolinda da Conceição	
8 - Joventino	

**PROJETO NOVA
CARTOGRAFIA SOCIAL**

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO - ES

Referências: Cartas IBGE e Imagem Landsat
Levantamento de Campo
Data: Fev / 2007

Projeção Universal / Transversa de Mercator - UTM
Datum horizontal: SAD - 69 / Minas Gerais
Datum vertical: Maregrato de Imbituba / Santa Catarina
Origem da quilometragem: Equador e Meridiano de 39° W Greenwich

“Aqui, quando o povo começava a rodar aí nas beiradas do brejo pra pegar um cipó, qualquer coisa e era abordado pela vigilância da Aracruz, que se chama Visel, e se eles pegassem, tomava o cipó da mão da pessoa e se o cara se alterasse, eles ligavam logo pra polícia. A polícia, parece que a polícia andava junto com eles, com dois ou três minutos que ligava pra polícia, a polícia encostava.” **Vermindo**

“Tomava machado de sua mão, falava que a pessoa estava acabando com o palmito, sendo que eles que, na época que a Aracruz chegou aqui, com aqueles correntões dos tratores dela, que acabou com palmito, cipó e com tudo. Depois vieram dizendo que as pessoas das comunidades estavam acabando com o cipó e o palmito. Depois, prendia a pessoa, como têm várias pessoas dessas comunidades processadas por causa de um palmito ou por causa de um pau seco.” **Vermindo**

O processo de expropriação das terras dos quilombolas do Sapê do Norte pela Aracruz, segundo os relatos locais, contou também com a cumplicidade de instâncias do Governo do Estado do Espírito Santo, sobretudo com a participação do IDAF.

“O significado de nossas vidas pela terra, é que a gente quer que volte a cultura, que volte no nosso território, que possa dar mais vida para nossas crianças, nossos netos, pra não acontecer que nem os nossos que saíram.” **Vermindo**

“Antes da Aracruz chegar era bom. Depois que a Aracruz chegou, ficou de jeito de a gente não ter um pau de lenha pra queimar.

Eu pra queimar um pau de lenha, esperava cair um galhinho lá de cima no chão, pegava um galhinho seco lá no chão pra queimar escondido. (...) Porco, nós criava era muito, depois eles proibiram, não queriam que botasse porco no local... Aí foi acabando, foi acabando e acabou tudo.” **Dona Domingas**

Conforme o relato dos moradores, além de contar com o apoio e a conivência das polícias civil e militar nas ações de vigilância e violência contra as comunidades dos quilombos do Sapê do Norte, a Aracruz Celulose tem uma vigilância armada – a VISEL – para patrulhar os movimentos e solicitar as prisões de membros dessas comunidades, caso sejam encontrados entre os eucaliptos.

Há cerca de três anos, segundo uma moradora, seus irmãos estavam trabalhando em suas lavouras de café e, repentinamente, chegaram os agentes da Visel acusando um deles de ter cortado uma árvore de eucaliptos e exigiam que ele fosse até o local. Segundo dizem, a Visel tem a prática de conduzir os acusados até o local e lá fotografar os mesmos próximos às árvores cortadas para incriminá-los e solicitar a sua prisão. O morador se recusou a ir até o local da árvore cortada, afirmando que não havia cortado a mesma e que ele estava trabalhando em sua lavoura. Cerca de duas horas depois, chegaram dois policiais militares para levar a força o membro da comunidade até o local da árvore cortada para forjarem uma prova por meio da fotografia e incriminá-lo. O trabalhador novamente se recusou a ir. A partir de então houve luta corporal entre ele e os policiais que tentavam algemá-lo. Diante dos gritos do mesmo, diversos integrantes da comunidade correram ao local para socorrê-lo, havendo ali pressões das lideranças sobre os policiais, pois queriam saber o motivo da prisão e uma das lideranças alegou que não havia fundamentos legais para a invasão da propriedade de uma comunidade de quilombo para prendê-lo sem provas. Sem justificativas, os policiais fugiram. A partir de então, não voltaram a incomodar a comunidade.



Das situações de conflito vividas pelas comunidades podemos destacar: ameaças, exibição de armas e tiros pelos agentes da Visel para intimidar moradores que lutam por seus direitos; prisões ilegais de moradores; embargo aos usos de lenha nos fornos de carvão; e, por fim, uso de violência para tomar a lenha e as ferramentas de trabalho, sobretudo se for encontradas com mulheres.

Entre as estratégias empregadas pela Aracruz para, aos poucos, minar a resistência dos quilombolas e expulsá-los da terra está aquela da poluição venenosa da água consumida por eles. Entre esses venenos, os moradores destacam os herbicidas (que causaram cegueiras em pessoas que trabalhavam para a empresa batendo o veneno nos eucaliptos) e o vinhoto (lançado no rio Angelim pela DISA) que torna a água imprópria para o consumo e mata os peixes que fariam parte da dieta alimentar local.

Diante do problema da contaminação e desaparecimento da água, a comunidade reivindicou do Governo do Espírito Santo o tratamento da água a ser consumida, sendo a reivindicação atendida. Segundo Dona Domingas, o rio São Domingos que abastecia a comunidade secou e dentro de seu leito tiveram que perfurar uma cacimba para encontrar água para não morrerem de sede. Afirma que depois que a comunidade passou a reivindicar seus direitos à terra, as máquinas da Prefeitura foram ao local e arrancaram todo o encanamento que fazia a distribuição da água para as casas e eles tiveram que voltar a tomar a água da cacimba, mas, para ser consumida e usada, esta água, de tão suja, precisa ser coada.

Dizem que com a expulsão de antigos moradores da terra, desapareceram parte de suas tradições (ladainhas, festas, bailes) e os nomes de identificação dos lugares, como os Sítios e Córregos, que nomeavam os lugares, e que foram todos submersos aos eucaliptais. Segundo Dona Domingas, entre Linharinho e Braço do Rio desapareceram os povoados, onde viveram seus ancestrais, que assim eram nomeados: Córrego Dantas, Córrego do Meio, Córrego das Pedras e Córrego Seco.

Ação e luta pela terra

Os quilombolas de Linharinho denominaram ação e ato suas atividades de derrubada dos eucaliptos que a Aracruz e o fazendeiro Vivaldo plantaram sobre o cemitério, onde estão sepultados seus ancestrais. A ação foi definida como luta pela terra sobre a qual os moradores afirmam ter direito. Após serem informados que a Aracruz havia obtido na justiça uma liminar de integração de posse da área sobre a qual realizavam a ação, os moradores encerraram o ato e desocuparam a área.



Aquele ato foi com um objetivo bem centralizado. A gente tem que voltar um pouco no tempo e lembrar que quando a Aracruz chegou, ela meteu os correntões dela em cima da terra e acabou com as nossas matas, plantando eucaliptos

Aquele ato foi com um objetivo bem centralizado. A gente tem que voltar um pouco no tempo e lembrar que quando a Aracruz chegou, ela meteu os correntões dela em cima da terra e acabou com as nossas matas, plantando eucaliptos.

“Destruí comunidades, dizimou famílias, que muitas famílias saíram expulsas das suas terras. Nós estamos aqui também pra machucar, pisar no calo dela. Ta cortando o eucalipto dela, ta doendo nela, está sentindo? Quer dizer que quando ela veio destruir o nosso né, na gente não doía? Então assim, o ato foi com esse objetivo, de estar tocando pra ela sentir que a comunidade está unida, o povo está vivo, não está todo mundo morto.



O eucalipto escondeu as comunidades, mas o povo não está morto nem enterrado junto com as raízes de eucalipto dela não. E ali (no cemitério) tinha gente enterrada, o que é pior: tem eucalipto plantado em cima do cemitério. Então, foi um ato pra estar mostrando pra ela. Olha! As comunidades estão vivas e da mesma forma que você chegou aqui há décadas atrás, nós estamos aqui pra fazer a mesma coisa hoje. Acabou com os nossos córregos. (...)” Cida

A luta é pelo espaço de moradia e de trabalho que já pertenceu ao povo negro de Linharinho, que foi forçado a sair de seu território e que deseja retornar para fazer a terra produzir.

“O negro ficou com a terra para trabalhar para sobrevivência. Negro tinha cultura, negro tinha sua religião, tinha liberdade. Negro tinha peixe, tinha caça, tinha tudo aqui e hoje não tem. É isso que queremos.” Miúda

“Doeu destruir a nossa cultura, as nossas matas. Ta doendo derrubar eucalipto dela? E quantas vidas ela acabou? E hoje não ta destruindo vida dela, não. Ela vai ter prejuízo no lucro. Quando ela veio... que chegou pra região, ela destruiu foram vidas né? (...) Então, assim foi um ato pra mostrar pra ela que nós estamos aqui né? A nossa luta é pela terra, da mesma forma que ela veio com os correntões e acabou com as matas, com as caças e com a pesca né?” Cida

Pauta de reivindicações

- Criação de Associação Civil com personalidade jurídica;
- Desenvolvimento de Cursos de Formação para o desenvolvimento da comunidade;
- Recuperação das áreas de nascentes, zonas de recarga hídrica e matas ciliares ao redor de rios, córregos e lagoas;
- Criação de Corredores que garantam a conectividade, a manutenção dos recursos hídricos e a potencialização da reprodução da fauna;
- Construção de um Viveiro de Mudanças com espécies nativas da Floresta Tropical, visando a recuperação de áreas degradadas;
- Constituição de Zona de Amortecimento ao redor do território demarcado, de modo a estabelecer a transição entre o território quilombola e as monoculturas de eucalipto e cana;
- Definição das Zonas de Extrativismo, compreendendo matas, capoeiras, brejos, alagados, rios e córregos, cujo uso deve estar determinado por normas específicas criadas pelo grupo, que visem a manutenção dessas atividades;
- Diversificação da Produção agrícola e pecuária, de modo a garantir a alimentação das famílias e escoar o excedente nos mercados locais;
- Recuperação da Fertilidade do Solo, através da descontaminação por agrotóxicos;
- Desenvolvimento de um Plano de Trabalho baseado nos princípios da Agroecologia, através de parcerias com a APTA, MPA, MST e outros;
- Produção de Artesanato a partir do uso de madeira, palha de coco, cipó e outras fibras vegetais, que pode ser comercializado com turistas;
- Minimização dos impactos da ES-010 para a comunidade (poeira, alta velocidade, acidentes), através da construção de redutores de velocidade e recuperação florística à beira da estrada;
- Criação de um Centro Cultural que possa apresentar exposições sobre a história e cultura local e oferecer produtos típicos aos turistas que se dirigem para Itaúnas;
- Reforma, ampliação e implementação de estrutura para o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos da Escola.

Formas de organização

Associação de Pequenos Produtores Pró-Desenvolvimento de Linharinho

Presidente: Vermindo dos Santos

Vice-presidente: Gelson Cassiano

Comunidade Católica de Santa Bárbara

Coordenador: Manoel Nascimento

Vice-coordenador: Vermindo dos Santos

Tesoureiro: Geanis Cosme dos Santos

Caixa: Daniele Alves dos Santos

Coordenadora Jovem: Adriana Cassiano

Coordenadora de Liturgia: Benedita Cassiano

Ministra da Comunhão: Gessi Cassiano Américo

Coordenadora de Catequese: Elda Maria dos Santos

Associação Quilombola do Município de Conceição da Barra

Comissão Quilombola do Sapê do Norte

Membros da Comunidade de Linharinho:

Elda, Cida Marciano e Vermindo dos Santos

APAL-CB (Associação de Pequenos Agricultores
e Lenhadores de Conceição da Barra)

Coordenador da Comunidade de Linharinho:

Fernando dos Santos

Associação de Folclore de Conceição da Barra

Membro da comunidade:

Mateus dos Santos

(Mateus de Ernesto, mestre de Reis de Boi)

Escola Municipal de Ensino Fundamental de Linharinho

Professoras da comunidade:

Benedita Cassiano

Maria Aparecida Marciano dos Santos

ENTIDADES PARCEIRAS DA COMUNIDADE

FASE-ES

MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores)

CPT (Comissão Pastoral da Terra)

CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas)

Rede Alerta Contra o Deserto Verde

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)

Comissão de Caciques Tupinikim e Guarani

Igreja Luterana

Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo – UFES
(Universidade Federal do Espírito Santo)

CONTATO

Associação dos Pequenos Produtores de Linharinho

telefone 27. 9955-5618

Comunidade Quilombola do Sapê do Norte

telefone 27. 9811-8432

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas**
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco**
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi. Roraima e Amazonas**
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo**
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina**
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia Mato Grosso**

REALIZAÇÃO

Associação de Pequenos Produtores Pró-Desenvolvimento de Linharinho

APOIO

UFES

ELIMU

CDDH-ES

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ

Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo – UFES

PPGSCA-UFAM



Ministério do Meio Ambiente

